



**casadesarmento**

centro de estudos do património

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DAS INDÚSTRIAS VIMARANENSES. EXCESSO DE REFORMA LIBERAL EM DETRIMENTO AGRÍCOLA E INDUSTRIAL.**

GUIMARÃES, Avelino da Silva

Ano: 1888 | Número: 5

---

### **Como citar este documento:**

GUIMARÃES, Avelino da Silva, Subsídios para a história das indústrias vimaranenses. Excesso de reforma liberal em detrimento agrícola e industrial. *Revista de Guimarães*, 5 (1) Jan.-Mar. 1888, p. 12-24.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# SUBSIDIOS PARA A HISTORIA

DAS INDUSTRIAS VIMARANENSES

## Excesso de reforma liberal em detrimento agricola e industrial

(Continuado do 4.º anno, pag. 194)

### III

Como vimos, as corporações d'officios manifestaram-se em Portugal, regularmente organisadas, no seculo xvi.

Foi no mesmo seculo que ellas se organisaram em Guimarães?

Não o podemos affirmar com provas á vista.

Que houvesse, n'uma fôrma mais ou menos rudimentar, mais ou menos desenvolvida, a applicação do principio associativo entre os industriaes vimaranenses, é licito affirmal-o sabendo-se que o berço da monarchia adquirira renome industrial muito antes do seculo xv.

Mas se não conhecemos monumentos que nos attemem a data precisa do nascimento d'esta evolução d'associação operaria em Guimarães, possuímos abundancia de factos para estabelecermos a conjectura de que pelo menos as corporações se organisaram n'esta cidade no mesmo seculo em que appareceram em Lisboa e no Porto.

As corporações d'offícios, regularmente organisadas, não foram o producto inopinado, conquistado por uma revolta, ou imposto por um legislador. A sua definitiva existencia teve, em toda a parte, na Allemanha, como em França, na Inglaterra, como em Italia e Hespanha, uma evolução progressiva mais ou menos lenta, conforme os progressos da industria, as aspirações e phases politicas, as necessidades e empresas de commercio. Os escriptores especialistas, como F. Verdeil e outros, descobrem as fórmulas associativas para o trafego commercial, e incremento industrial, nas caravanas e agremiações operarias dos povos orientaes, muito antes das civilizações grega e romana.

O snr. dr. Sarmiento revela-nos no seu ultimo livro, producto da sua caracteristica e viva critica, estudo profundo, e infatigavel trabalho (*Os Argonautas*), o estado de civilização europêa nas épocas preromanas, na das migrações liguricas e excursões maritimas dos phenicios, seguindo aquellas as vias fluviaes, estas o Mediterraneo e Atlantico, e das quaes se induz o estreitamento associativo, quer determinado por necessidades mercantis, pelo espirito d'aventura e de guerra, e pelo desenvolvimento da industria do bronze, quer por afinidades ethnicas <sup>1</sup>.

Os diversos escriptores, auxiliados pelos pacientes trabalhos dos archeologos, conseguiram descobrir, com maior ou menor precisão, as novas alvoradas nos tempos mais escuros da Idade Média. Desde a invasão barbara até á época das cruzadas, mostram-nos concentrada a actividade, a iniciativa commercial e industrial nos povos germanicos; indicam-nos

---

<sup>1</sup> «Exceptuados o ouro e a prata — diz o cit. Verdeil, pag. 179 — o cobre parece ter sido conhecido e utilizado antes de todos os outros metaes. Nas primeiras idades do mundo civilizado, o cobre era a materia de todos os utensilios domesticos, e com elle se fabricavam as armas de guerra. Em liga com o estanho, servia ao fabrico de utensilios, de instrumentos cortantes. A quantidade d'estatuas, d'utensilios, d'armas, que se encontram nas ruinas do antigo mundo, mostra o extenso uso que se fazia d'este metal.

« O uso do ferro era desconhecido dos povos da antiguidade.

.....  
 «Ligado com o estanho, o cobre formava o bronze d'uma grande dureza, com o qual os egypcios fabricavam tesouras capazes de cortar pedra.»

como, depois das cruzadas, houve uma verdadeira renascença da antiga vida latina, commercial e industrial, nas cidades maritimas de Italia, em Barcelona, em Marselha, começando então a florescer a industria franceza, entrando na phase de largo desenvolvimento desde o seculo XII as corporações d'officios. É incontestavel que anteriormente, da dominação romana não foi isenta a população d'este concelho, como evidentemente o provam as explorações do snr. Sarmento na sua *Citânia*, e os achados valiosos dos banhos de construcção romana — encanamentos, mosaicos, etc. — em Vizella e nas Taipas.

D'estas diversas evoluções sociaes, d'este contacto com diversos povos, da dominação arabe que trouxe para a península a sua arte oriental e typica <sup>1</sup>, decerto que n'este concelho se constituiu, por acção mais ou menos directa, a sua aptidão industrial, e o seu genio mercantil, que se desenvolveu nos primeiros seculos da monarchia, especialmente desde o seculo XIII.

Devemos tambem crêr que o estabelecimento da côrte monarchica n'esta povoação concorreu, pelas razões que são obvias, e embora com a rudeza e imperfeições proprias do tempo, para o desenvolvimento das faculdades artisticas dos vimaranenses d'então, em medida igual pelo menos á dos centros mais industriaes d'esta parte norte do paiz.

Consideradas estas razões por um lado, o fervor religioso,

<sup>1</sup> « L'histoire commerciale de Vénise (diz o cit. Verdeil) comprend un espace de plusieurs siècles. Déjà en temps de Charlemagne, les seigneurs que composaient sa cour furent émerveillés en voyant, à la foire de Pavie, les tapis précieux, les étoffes de soie, les tissus d'or, les perles et les pierreries que étalèrent à leurs yeux les marchands de Vénise... Pendant que l'Europe était encore barbare, les Vénitiens, en échangeant les denrées de l'Occident contre les marchandises de l'Asie, observèrent les procédés des arts chez les Grecs et les Arabes. Ils établirent des comptoirs sur toutes les côtes, à Alexandrie, à Tyr, à Beiruth, à Acre; ils pénétrèrent même, en remontant le Volga, jusqu'à Astrakhan. Ils firent plusieurs traités avec les souverains de Égypte; ils avaient des établissemens sur les points facilement accessibles en Afrique. Les villes de ces côtes, habités par les Arabes, étaient des cités opulentes, très manufacturières. Les vaisseaux des Vénitiens, dès le 7<sup>e</sup> et 8<sup>e</sup> siècle, allaient y charger des grains, des parfums, des dents d'éléphant, de la poudre d'or, des huiles, et enfin des esclaves qu'ils vendaient à d'autres Africains, ou aux Maures établis en Espagne. »

o culto vivíssimo por Santa Maria d'Oliveira <sup>1</sup>, que concorreram para que nos seculos posteriores á fundação da monarchia se mantivessem, apesar das difficuldades de viação, as mais estreitas relações com as outras terras, especialmente Lisboa e Porto, deveremos crér que qualquer movimento, qualquer nova phase nas relações sociaes d'estes maiores centros de população teria aqui rapidamente a sua natural reflexão.

No seculo XVI, as principaes industrias de Guimarães, exceptuada a de tecidos d'algodão que é de data recente, eram já florescentes, e muito antigas.

\*

Entre as industrias mais antigas de Guimarães, deve incluir-se, já como florescente na época da constituição da monarchia, no seculo XII, a de tecelagem de linho.

O Minho, no começo da monarchia, avantajava-se, no exercicio d'esta industria, a todas as terras que hoje formam o continente portuguez <sup>2</sup>.

Considerando o desenvolvimento, ou importancia relativa d'esta povoação, n'essa remota época, devemos dar por averiguado que a velha Vimaranes ou Guimarães era uma d'essas terras do Minho, onde prosperava a industria da tecelagem de linho, sustentando-se até hoje, com incontestavel credito, apesar do seu exercicio em domicilio com os seus tradicionaes processos e teares manuaes. Só agora, a fabrica do snr. Antonio da Costa Guimarães, fundada ha dois annos, rompe com as tradições, e inaugura a grande industria d'esta classe, com o seu motor a vapor, e os seus já numerosos teares mechanicos.

\*

---

<sup>1</sup> Hoje ha fervor por novo culto!

<sup>2</sup> Coelho da Rocha, *Hist. de Dir. Patr.*, pag. 82; *Relatorio da exposição industrial de Guimarães*, artigo do snr. Joaquim de Vasconcellos, pag. 146.

A industria de cortumes é antiquissima n'esta povoação.

Antes de constituida a monarchia, no foral do conde D. Henrique era tributada com um *ceitil* ou *dinheiro* a venda de cada couro <sup>1</sup>.

Em 1517, no foral de D. Manoel, já se tributava em tres reaes por *carga maior* o sumagre, e a casca; e pelos generos tributados e isentos, expressos n'este foral, se vê que era já então mui desenvolvido e avultado o commercio vimararense.

Em 1315, fundaram os sapateiros João Bahião, e Pero Bahião, a irmandade e albergue de S. Chrispim, e o dotaram com uma poça dos cortumes da rua de Couros. Esta fundação, a abundancia de meios d'estes dois inolvidaveis industriaes, indicam que as classes de cortumes e de calçado eram prosperas.

Nem admira, sabendo-se que as applicações de couro e pelles se não restringiam, na Idade Média, ao calçado e arreios, mas abrangiam ornamentações luxuosas de mobilia, especialmente dos bahús e dos cofres cobertos de couro branco, preto, ou colorido, que tanto serviam para transportes de bagagens, como para assentos. Sabe-se que uma grande fabrica de couros, a maior do mundo segundo affirma um antigo escriptor, existia na peninsula, em Cordova. Na Idade Média eram numerosas as fabricas de cortumes em Hespanha. E assim como se affirma que foi de Hespanha que esta classe de industria se propagou, por Tolosa, para povoações de França, é de crêr que os nossos cortumes tivessem a mesma remota origem.

Segundo affirma Coelho da Rocha, cit. *Hist.* pag. 83, no começo da monarchia os nossos artefactos eram toscos, exceptuadas as applicações de couros e pelles d'animaes, preparadas com aceio e riqueza de bordaduras para arreios, para ornatos dos cavalleiros e para vestes e coberturas delicadas.

É pois legitima a presumpção de que as industrias de cortumes e de calçado, são coevas, se não anteriores á monarchia; e pôde com afouteza affirmar-se que eram prosperas no

---

<sup>1</sup> Vid. *Commentarios sobre os Foraes*, do conselheiro Silva Ferrão, pag. 175, voi. n.

começo do seculo xiv, quando os Babiões fundaram o albergue de S. Chrispim <sup>1</sup>.

\*

A ourivesaria vimaranense é muito antiga.

Nos motivos que precedem os estatutos de 1781 (que desde já promettemos transcrever textualmente n'esta Revista) se afirma — *que de tempo antiquissimo n'esta Villa de Guimarães e sua Comarca foram por nossos Antecessores estabelecidos dois Contrastes Ensaiadores* —.

É de suppôr que se estabelecesse proximamente á fundação da monarchia, ou pelo menos quando mais se afervorou o culto pela imagem de Nossa Senhora d'Oliveira.

Na Idade Média, as familias nobres e ricas accumulavam, por ostentação aristocratica, e por um fim economico, grandes valores em baixella, em manufacturas d'ouro e prata. A aristocracia desprezava o commercio. Não havia bancos de deposito, nem os titulos de credito hoje vulgarissimos. Os celebres bancos d'Italia, o del Giro, o de S. Jorge, foram uma grande inovação. Naturalmente, para emprego de dinheiro, e por ostentação de luxo e riqueza, havia nos diversos paizes da Europa a tendencia de adquirir d'esses valores, embora improductivos. Não vai ainda longe a época em que, mesmo n'esta cidade, algumas familias apreciavam mais estas accumulações improductivas de valores que titulos de renda publica, ou documentos d'hypotheca; e os largos e pesados bahús, recheados d'essa riqueza em joias e baixella, se transmittiram nas successões com a respeitavel veneração de sagrados penhores das tradições de familia.

Além d'isto, o culto religioso, que muito favoreceu esta classe de industria, havia de concorrer para desenvolvê-la muito cedo n'esta povoação dos dom priores, dos conegos pri-

---

<sup>1</sup> A poça que pertencia á irmandade de S. Chrispim foi alienada. Violencias da desamortisação! Hoje pertence a diversos; é uma das maiores, talvez a maior, encostada ao hospital de S. Francisco, do lado do sul. Se algum dia se organisar escola pratica d'esta industria, terá de adquirir-se uma nova.

vilegiados e fidalgos, e onde eram numerosos os conventos e recolhimentos de diversas ordens religiosas. A prosperidade e ancianidade da ourivesaria vimaranense induz-se tambem de tradições ainda vivas, e das disposições dos proprios estatutos de 1781: os lavrantes, e ourives fabricavam alfaias do culto, cruces, vasos sagrados, etc. No capitulo ix dos citados estatutos se diz: «... Lembrando-nos das peças sagradas, que consertamos para as Igrejas, como são Custodias, Vazos, e Cruzes, e que devemos ter toda a veneração e tractamento de reverencia por serem dedicadas ao Culto Divino, e por esta causa adquirimos alguã nobreza... , determinamos uniformemente que d'aqui em diante nenhum Ourives de Ouro, ou Prata, possa tomar Mosso para ensinar o Officio, ou ainda Official que seja de infesta nação, assim como Mouro, Judeo, Mulato, Apostata da nossa Santa Fé, ou Penitenciado pelo Santo Officio, ou filho de homem vil, ou de outras semelhantes qualidades...»

Seria por ser mui prospera a classe de lavrantes de prata, e para mais a animar, que no foral de D. Manuel se isentou de tributo ou portagem a prata lavrada?

É pois incontestavel que a ourivesaria vimaranense, tão desenvolvida ainda na primeira metade d'este seculo, hoje decadente como em todo o paiz, pela concorrência estrangeira, e outras causas geraes, é antiquissima, e sem duvida anterior ao seculo xvi.

\*

A serralheria é tambem antiquissima; e no começo do seculo xiv era já celebre, com o notavel serralheiro do tempo de D. Diniz <sup>1</sup>.

A classe d'armeiro era antiga, como prova o regimento municipal dos officios, de 1719, que a include, assim como a de pentieiros, outr'ora tambem tão numerosa, occupando quasi todas as pequenas casas da velha rua d'Arcella, então extra-

---

<sup>1</sup> Cit. *Relatorio da exposição industrial de Guimarães*, pag. 213.

barreiras, e hoje denominada rua do Carmo de Cima. Tem augmentado na qualidade, aperfeiçãoando os seus productos, como se revelou na exposição, mas está consideravelmente diminuida quanto ao numero d'officinas e artistas.

Pela minuciosidade d'aquelle regimento, taxando mui variadas especies d'obra, se revela o largo desenvolvimento anterior d'esta classe d'industria.

\*

A cutilaria era já prospera e celebre no seculo xvii, e afamado o cutileiro Antonio Leite, como affirma o nosso mui erudito patricio, o snr. dr. Pereira Caldas, na breve noticia historica inserta a pag. 56 do cit. *Relatorio da Exposição de Guimarães*.

Será pois fóra de proposito, ou do bom senso, acreditar que antes da organização das corporações d'officios, no seculo xv ou xvi, esta industria vimaranense já pompeasse uma pronunciada expansão?

A cutilaria, tendo o ferro e o aço por materias primas, começou a desenvolver-se na Europa depois do seculo x<sup>1</sup>. De-

---

<sup>1</sup> « Sous la domination romaine, le fer était déjà d'un usage très répandu, quoique le bronze et l'airain fussent encore employés pour un grand nombre d'outils, d'ustensiles, d'armes.

« ... L'élévation et l'élargissement des fourneaux amenèrent un résultat sans doute inattendu. Par une chaleur très élevée et par le contact prolongé du minéral avec le charbon, on obtint de la fonte de fer, combiné avec du carbone. L'époque de ce progrès considérable dans l'industrie du fer parait avoir été le commencement du xvi<sup>e</sup> siècle.

« ... Dans les Pyrénées, en Catalogne, en Italie, en Corse, en Prusse, en Norwège, on emploie encore l'ancienne méthode catalane.

.....  
« L'acier est du fer combiné avec une certaine quantité de carbone, en proportion moindre que dans la fonte.

« On du constater de bonne heure que le fer acquérait à une haute température, sous l'influence prolongée du charbon de bois, la qualité acièreuse. Ce serait surtout à partir du x<sup>e</sup> siècle que les armes blanches furent fabriquées avec de l'acier; toutefois ce n'est guère que vers le xiii<sup>e</sup> siècle qu'on commença à faire usage d'épées. Les petits instruments d'acier, tels que couteaux, ciseaux, ne furent connus que plus tard encore. On ne vendit des aiguilles, en Angleterre, que sous le règne de Henri viii... » Cit. Verdeil, *Ind. modern.*, pag. 192 e 253.

\*

pois das cruzadas, expandiu-se com maior intensidade. É pois de presumir que no seculo xv, ou xvi, a cutilaria, na sua nova phase, se estabelecesse e florescesse n'esta terra, onde não falleciam soldados, nem aptidão artistica.

D'onde viria ? Nenhuma outra terra portugueza creou celebridade como manufactureira de cutilaria. Talvez proviesse de Hespanha, como os cortumes, e onde eram afamadas as forjas, e as fundições do methodo catalão ; ou do Oriente, depois das cruzadas.

\*

No seculo xvi, diversas classes de industria vimaranense, incluídas as de calçado e ourivesaria, attingiram, como vimos, notavel expansão.

E n'este mesmo seculo perdeu ou afrouxou a industria vimaranense a sua actividade ? Nenhum facto preciso, claro, accusa o estacionamento ou depressão da nossa industria em todo o decurso do seculo xvi.

Estamos habituados a afirmar o esmorecimento da industria portugueza no seculo xvi e fins do seculo xv, porque por um lado o desenvolvimento do espirito aventureiro e mercantil, que produziu a febre das conquistas, por outro nos fins do seculo xvi a invasão jesuítica avivando questões religiosas, e propellindo ao fanatismo, á intolerancia politica e religiosa, causaram o estacionamento da actividade fabril em Lisboa e Porto, e n'outras povoações industriaes ; e d'estes factos, que os nossos historiadores demonstram, derivamos uma affirmacão geral e absoluta.

Quem nos auctorisa porém a afirmar que o mesmo phenomeno se produzira em Guimarães ?

Attenta a natureza das principaes classes d'industria d'este concelho, persuadimo-nos que o desvairamento, que a opulencia mercantil, que proveio das conquistas, não prejudicou a actividade fabril de Guimarães.

O jesuitismo, se por acaso invadiu Guimarães, foi muito mais tarde, e não deixou vestigios que accusem predominio. Havia ordens religiosas, numerosos conventos, mas estes nunca geralmente foram inimigos do desenvolvimento industrial, nem da instrucção do povo, e pelo contrario os houve, nos diversos paizes europeus, que conquistaram na historia da ci-

vilisação e progresso popular logar proeminente (vej. o que affirmamos a pag. 99 e seg. do vol. II d'esta Revista).

As industrias apontadas não eram, no seculo XVI, principalmente destinadas á satisfação d'ostentações luxuosas; apenas a ourivesaria poderá entrar n'essa categoria, mas a mesma ordem de factores que a creou e desenvolveu em Guimarães — as devoções religiosas, a opulencia das casas nobres, as numerosas irmandades, conventos e igrejas — sustentaria a sua antiga prosperidade.

As descobertas, sobretudo a da India, onde, em geral, se não encontrava uma população selvagem e ignorante, mas os povos que descendiam d'uma raça creadora d'uma mui anterior civilisação; a descoberta de abundantes minas de ouro e prata, pelos hespanhoes na America; a depressão do antigo commercio da Allemanha, e de Italia, em proveito de Portugal, de Hespanha, Hollanda <sup>1</sup> e Inglaterra; o estreitamento de relações, que d'aqui proveio, sem esforço, mas naturalmente, entre Portugal, a Hespanha, e outros paizes: obriga-nos a crer que a industria de Guimarães, em vez de esterilizar-se creou novas forças.

Tanto mais o acreditamos quanto é certo que as relações commerciaes de Guimarães não se limitaram, quanto á extracção dos seus productos fabris, ás povoações do Minho, Traz-os-Montes, e alguns districtos d'Hespanha, mas estenderam-se por todo o paiz, incluindo Lisboa. O commercio de cutilaria para terras da America, da Africa, da Asia, é muito antigo, segundo tradições ainda vivas <sup>2</sup>.

Seja como fôr, o que é certo é que o desenvolvimento commercial portuguez foi larguissimo nos seculos XV e XVI. A agricultura soffreu a ausencia de cuidados, a industria em

---

<sup>1</sup> São bem conhecidas as luctas memoraveis dos holandezes contra os hespanhoes e portuguezes. Desde então a Hollanda, este paiz tão original, e tão sympathico, pela persistencia, amor da liberdade politica, apego ao trabalho, economia e heroicidade, attingiu a maxima prosperidade em diversos ramos — no commercio, na industria, na sciencia, nas bellas-artes. — Vid. o entusiastico e bello livro do snr. Ramalho Ortigão, *A Hollanda*; Elisée Reclus, *Géograph. Univers.*, vol. IV; cit. Verdeil, *Ind. modern.*, etc.

<sup>2</sup> O fallecido negociante Domingos José Ferreira da Silva Guimarães foi o ultimo que teve commercio de ferragens para a Asia.

geral paralyzára, das vantagens que offerecia o dominio de novas vias commerciaes não se aproveitou Portugal quanto podia; mas nem por isso as relações que provém da frequencia do commercio, deixaram d'alargar-se. Em Anvers havia uma companhia portugueza. Até 1595, Portugal exportava para Anvers pedras preciosas, ouro puro, especiarias e drogas, marfim, algodão, madeira do Brazil, vinho da Madeira. « De leur propre pays — acrescenta o citado Verdeil — les Portugais envoyaient de leurs sels, vins, huiles, pastels, grains, orseilles, des fruits frais, secs ou confits ou mis en conserve. On lui envoyaient en retour, d'Anvers, de l'argent massif, argent vive et vermillon, cuivre, bronze et laiton mis en œuvre et cru, du plomb et de l'étain, des armures, artilleries et autres munitions de guerre, or et argent filés, — aussi qui les mêmes marchandises qu'on envoyait en Espagne. »

Ora, havendo este incremento de relações com os povos, onde floresciam as corporações de misteres, desde larga antiguidade; não tendo diminuido Guimarães da sua actividade industrial: parece-nos indiscutivel, que as mesmas causas, que determinaram em Lisboa e no Porto a fundação d'essas corporações no seculo XVI, actuaram do mesmo modo, e na mesma época <sup>1</sup> e com os mesmos intuitos nas industrias vimara-

---

<sup>1</sup> Segundo uma carta, que recentemente recebemos do snr. Joaquim de Vasconcellos, as corporações d'officios d'ourives já se encontram organisadas, segundo documentos ineditos que s. exc.<sup>a</sup> possui, no seculo XV.

Muito estimariamos que o nosso illustre socio honorario honrasse esta Revista, elucidando-nos sobre este interessantissimo assumpto.

As conjecturas que formulamos, quanto á industria vimaranense, teriam decerto o mesmo valor, visto que n'esta povoação já no seculo XV era florescente a industria.

Emquanto s. exc.<sup>a</sup> não der a honra da sua collaboração na Revista da SOCIEDADE MARTINS SARMENTO, a que pertence como um dos mais conspicuos socios honorarios, contentar-nos-hemos com as notas fugitivas do seu excellente estudo *Historia da Arte em Portugal*. A pag. 11 e 22 já s. exc.<sup>a</sup> nos affirma a posse de documentos comprovativos do apparecimento do regimen cooperativo dos officios portuguezes no fim do seculo XV. E o que a pag. 11 se esclarece acerca da actividade das industrias hespanholas, e corporações catalãs e valencianas desde o seculo XIV, mais nos aviva a convicção de que não foi Guimarães mui distanciada das outras terras portuguezas na organisação das suas corporações d'officios.

nenses para as propellir á creação d'essas formulas d'associação.

Para manter esta vehemente conjectura, não esqueçamos considerações ponderosas, isto é, que tanto nos estatutos dos sapateiros, como no dos ourives, ha referencias positivas aos antigos estatutos; que a associação sob a bandeira religiosa dos sapateiros data da creação da irmandade e fundação do hospital ou albergue <sup>1</sup> no seculo xiv. Não esqueçamos tambem que foi em Guimarães onde primeiro se desenvolveu a industria de cortumes, e a unica do paiz onde creou celebração de a cutilaria.

Sendo o seculo xvi, como dizem Frignet e outros, com o impulso dos factos do seculo xv um dos mais agitados e fecundos da historia; sendo n'este seculo que a Italia attingiu o maior esplendor industrial e commercial, creando novas industrias, desenvolvendo instituições bancarias, opulentando as suas empresas; que a Allemanha continuou na lucta contra a supremacia italiana; que a descoberta do novo caminho para a India pelo Cabo da Boa-Esperança revolucionou o commercio europeu, creou a preponderancia portugueza, e successivamente a hollandeza e ingleza, deprimindo o commercio de Italia: é indubitavel que todo este conjunto de factos, produziu, com a influencia da renascença nas sciencias, na litteratura, e nas bellas-artes uma immensa agitação no espirito europeu. No nosso paiz, era Guimarães desde o seculo xiii um dos centros manufactureiros mais activos: como admittir que a formula cooperativa, adoptada em Lisboa e Porto, e decerto producto da agitação dos seculos xv e xvi, não fosse adoptada em Guimarães no mesmo seculo?

---

<sup>1</sup> Como consta d'um livro de traslados, ainda existente, em 1462 o Cabido de Nossa Senhora da Oliveira contractou com a confraria, ou — *Companhia dos Sapateiros* —, a celebração de cinco missas cantadas e a orgão na igreja da Oliveira; e houve dilatadas demandas nos seculos posteriores sobre o cumprimento d'este contracto.

Sobre o albergue ou hospital, vej. o que diz o fallecido padre Antonio José Ferreira Caldas na — *Guimarães. Apontamentos para a sua historia*, pag. 155 e 226 do vol. II.

Esta sympathica instituição, fundada em 1315, póde considerar-se, na sua fórma mais conforme ao tempo, instituição semelhante á dos albergues nocturnos, creados pela mui louvavel iniciativa d'e l-rei D. Luiz

Para nós a indução, firmada no complexo de factos e considerações que mencionamos é tão forte, que não hesitamos em crêr que no mesmo seculo, com pequena distancia de annos, em que as corporações se organisaram em Lisboa e Porto, seculo xv ou xvi, tambem foram creadas em Guimarães, n'esta então *notavel* villa do reino.

No proseguimento d'estes estudos veremos qual a formula ou indole d'estas corporações vimaranenses.

Guimarães — Janeiro de 1888.

AVELINO DA SILVA GUIMARÃES.

## TITULO II

### Regimento dos Mestres Surradores anexo á nossa Bandeira

(Continuado do 4.º anno, pag. 211)

#### CAPITULO I

#### **Da Eleição dos Juizes, e Mestres dos Surradores, e juramento que devem tomar**

Determinamos que hajão dous Juizes de Surradores, hum de obra branca, e outro de obra preta, unidos e incorporados com o nosso Escrivão do Officio dos Çapateiros, e que em poder deste andem os seus respectivos livros, e que com o mesmo fação todas as suas funcçoens, e actos de Exames, correiçoens, Elleiçoens, e Entregas, em quanto estes andarem anexo á nossa Bandeira: receberá o mesmo todos os benezes de seus Artiffeces, quando se examinão, e das matriculas de seus Aprendizizes, e as condemnaçoens, e de tudo dará suas contas no acto da entrega, quando pelos seus Juizes lhe forem pedidas, debaixo de responsabilidade por si, e seus bens.